

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

# Erejour Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



## **Análise crítica da tipificação da mulher negra na mídia<sup>1</sup>**

Gabriela Maia Peterle REIS

Larissa Monteiro Nascimento de MORAES

Rachel de Oliveira MACHADO

Sophia Dettman COUTO

Amanda Lais Pereira NOLETO

Universidade Federal do Espírito Santo, UFES

**PALAVRAS-CHAVE:** Tipificação; Mulher negra; Estereótipo; Mídia

### **RESUMO**

Neste trabalho abordaremos a tipificação da mulher negra na mídia brasileira, através da reprodução de três estereótipos específicos: subserviente, hipersexualizada e ‘nega maluca’. Segundo Biroli (2011), o compartilhamento massivo de referências que os meios de comunicação propagam contribuem para a reprodução dos estereótipos ou para sua reorganização ou superação. Através da análise de conteúdos audiovisuais e livros que marcaram a história da mídia brasileira, este artigo busca investigar a maneira como são demonstradas estas três figuras e quais são as suas influências na percepção da sociedade.

### **INTRODUÇÃO**

Tipificar é um hábito inserido no contexto social humano. De acordo com o Dicionário Cândido Figueiredo, tipificar deriva daquilo que é típico, que serve de tipo, que caracteriza, o que é simbólico (1958). O ato de tipificar se relaciona diretamente com a estereotipização. Estereótipo é um conceito que possui significado relacionado com a mídia desde 1922, quando Lippman (2008) utilizou a palavra - sendo *stereos* e *typos*, palavras que vem do grego com significado literal: ‘impressão sólida’ - se referindo ao que as mídias estavam reforçando naquele período, em seu livro ‘Opinião Pública’.

---

<sup>1</sup>Resumo expandido apresentado no GT Pesquisa na Graduação, no 2º Encontro Regional Sudeste de Ensino de Jornalismo (Erejour Sudeste).

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

# Crejor Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



## TIPIFICAÇÃO DA MULHER NEGRA SUBSERVIENTE

Nas primeiras décadas do século XX, a presença da *persona* negra em contos infantis era quase nula. Quando aparecia, sua imagem era muitas vezes distorcida, refletindo traços de pessoas brancas para disfarçar sua identidade ou retratada em papéis subalternos, mesmo em um contexto social onde a maior parte da população era formada por afrodescendentes.

Nesse contexto histórico, ‘Sítio do Pica Pau Amarelo’ inovou ao incluir uma personagem negra: Tia Nastácia. Descrita pelo autor e criador da obra, Monteiro Lobato, como “negra, de beijos grandes, assustada e medrosa, uma cozinheira de mão cheia”, sendo a mesma baseada na cozinheira e babá dos filhos do autor. Observa-se a maneira como Lobato (1933) retrata Tia Nastácia, refletindo estereótipos e preconceitos da época, através de trechos como “— Treppe no mastro! — gritou-lhe a Cléu. Sim, era o único jeito — e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma **macaca de carvão** pelo mastro de São Pedro acima” (p.23, grifo nosso).

Em suas obras, Lobato tenta simpatizar com a personalidade negra feminina ao destacar suas qualidades cuidadosas e atenciosas, criando um vínculo afetivo com o público. Essa abordagem busca suavizar a percepção da personagem, ressaltando suas qualidades, como bondade e habilidades culinárias, para que sua cor não seja o foco principal. A ‘amenização’ da imagem negra é evidenciada por expressões como ‘negra boa’, o que reforça a visão e idealização do ‘bom e obediente negro’ ou como a mesma era chamada pelo autor a ‘negra doméstica’.

A obra ‘As Caçadas de Pedrinho’, parte do ‘Sítio do Pica Pau Amarelo’, se torna um exemplo da literatura infantil brasileira clássica que, apesar de seu significado cultural, apresenta problemas de representação racial. Retratada em um Brasil de transformação social e política, Tia Nastácia se forma com estereótipos raciais, com metáforas sobre a inferioridade, submissão e a serviência. Anos depois, a mulher negra ainda é vista majoritariamente ocupando o espaço da empregada ‘animada’ e gentil na novela das nove e dificilmente a que protagoniza a história, sem um passado de serventia por trás.

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

# Crejor Sudeste

"A extensão na formação em Jornalismo"



Isto reforça a fantasia de que a única forma em que uma pessoa negra pode 'vencer' é por meio da ascensão pela força da subserviência.

## TIPIFICAÇÃO DA MULHER NEGRA HIPERSEXUALIZADA

Sobre a origem do termo 'mulata' - com sua carga histórica de racismo e exotificação - pode-se afirmar que:

Derivação de 'mulus', do latim, atualizado por 'mula', o animal que surge da cópula de duas raças diferentes – o asno e a égua, que, no século XVI, derivou-se na América hispânica para 'mulato' como uma analogia ao caráter híbrido do animal, considerado uma raça inferior já que não possui a possibilidade da reprodução. (SILVA, 2018, p.77)

A mulher mestiça, representada pela figura da mulata, ocupava uma posição ambígua na sociedade colonial. A proximidade genética e fenotípica com o branco lhe conferia certo grau de aceitação social em comparação às mulheres negras de pele mais escura. Esse contraste entre 'proximidade' e 'inferioridade' é uma das características centrais do estereótipo da mulata. Fruto da miscigenação forçada e historicamente associada à sexualidade, a mulata foi construída de maneira erotizada, cujo corpo era visto como um objeto de desejo acessível, transformando-a em um objeto sexual disponível para o divertimento e prazer masculino, mas nunca para relações sérias, de amor ou afeto. No imaginário social, a mulata era a mulher para ser desejada e consumida sexualmente, mas não para ser levada ao altar. Conceição (2010) é assertivo ao afirmar que a mulher branca "pôde abrandar a dominação em algumas situações, mantendo-se no seu papel secular de mãe e esposa. Diferentemente, a mulher negra não pôde exercer o papel de esposa e em alguns casos restou-lhe o papel de mera concubina" (p.29).

Tal fenômeno se amplifica quando trazido para o contexto carnavalesco, onde a disseminação da imagem da Globeleza, uma mulher negra seminua em um período específico e limitado de fama, criada em 1990 pela Rede Globo, reverbera a falsa ideia de uma democracia racial, na qual diferentes grupos raciais 'supostamente' coexistem em igualdade e celebração. Para Ribeiro (2016) "a Mulata Globeleza não é um evento cultural natural, mas uma performance que invade o imaginário e as televisões brasileiras na época do Carnaval" (p.1). Ela é exaltada como um ser fantástico, uma deusa do samba, dotada de uma sensualidade única, um corpo escultural e ausência de

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

# Crejor Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



podor que mexe com o imaginário do público, reduzindo sua identidade a uma imagem exótica e hipersexualizada, determinando o espaço que é destinado a mulheres negras na mídia.

“Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la” (GONZALEZ, 1984, p.228). A ideia da mulata exportação emerge desse cenário, onde a mulher negra é idealizada e consumida pelo olhar estrangeiro como exótica e atrevida que é amplamente difundida e consumida pela mídia, tanto nacional quanto internacionalmente.

## TIPIFICAÇÃO DA MULHER NEGRA NA IMAGEM ‘NEGA MALUCA’

O estereótipo da ‘nega maluca’ é enraizado e tradicional na sociedade brasileira, servindo até como tema de fantasia e marchas de carnaval. Esta imagem é descrita por uma mulher preta com temperamento explosivo, que se porta de maneira exagerada e escandalosa em situações cotidianas. As ‘negas malucas’ são mulheres cafonas, desbocadas, sem educação, sem modos e pertencentes a uma classe social baixa. Além disso, seu comportamento é retratado de forma animalesca, falam com erros de português e com o tom de voz mais alto do que outras personagens, reforçando a ideia de inconveniência que é vinculada a esta imagem. Essas mulheres são desvalorizadas e acumulam características consideradas pela branquitude como inferiores.

A interseccionalidade pode ser entendida como uma ferramenta de análise que consegue dar conta de mais de uma forma de opressão simultânea. Com essa lente, os processos discriminatórios não são compreendidos isoladamente, nem se propõem uma mera adição de discriminações, mas sim, abraça-se a complexidade dos cruzamentos dos processos discriminatórios e a partir daí se busca compreender as condições específicas que deles decorrem. (Kyrillos, 2020, p.1).

A forma com que esse estereótipo se perpetuou na televisão brasileira, principalmente como personagem cômico, levou mulheres e homens brancos a interpretarem esse papel, através da prática racista conhecida como *blackface*, onde uma pessoa não negra usa maquiagem para escurecer a pele na intenção de mimetizar, de forma pejorativa, as características físicas de pessoas pretas.

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

# Crejor Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



Nos anos 90, a apresentadora Xuxa Meneghel, gravou uma vinheta de fim de ano ao lado do ator e comediante, Grande Otelo, onde a artista sambava e cantava a música ‘Boneca de Pixe’. Na época, essa ideia foi vista como uma homenagem à cultura preta. As atrizes Claudia Raia e Elizabeth Savalla, também vestiram o *blackface* e ocuparam a tela das televisões brasileiras assumindo esse papel da mulher preta escandalosa, em ‘Tv Pirata’ (1987-1992) e em ‘Quatro por Quatro’ (1994), respectivamente. O ator Paulo Gustavo, em 2016, desenvolveu um personagem com essa mesma imitação para o programa ‘220 volts’, e devido a rejeição e crítica do público, precisou repaginar a criação. Uma dupla clássica que usou a ‘nega maluca’ como forma de humor, são as personagens Adelaide e Briti, que protagonizaram as esquetes do metrô que faziam sucesso no programa ‘Zorra Total’, em 2017.

Por outro lado, as mulheres pretas que interpretaram essas personagens, não tinham oportunidades de estrelarem em papéis diferentes das três tipificações discutidas nesse artigo, e por isso ocuparam esses tipos de representação. Atrizes como Neuza Borges, Marina Miranda e Roberta Rodrigues, são exemplos de mulheres pretas que deram vida a esse arquétipo. Atualmente, a ‘nega maluca’ foi reformulada, com características menos escrachadas, mas ainda sim, perpetuando o estereótipo exagerado e escandaloso. O perfil de ‘nega maluca’ de maior visibilidade atualmente é a Terezinha, vivida pela atriz Cacau Protássio, no programa ‘Vai que cola’, que está no ar desde 2013.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação de apenas três representações da mulher negra através de livros e programas de TV torna evidente que esta é uma pauta em que ainda há muito para se discutir. A análise da personagem Tia Nastácia revela como a representação da mulher negra nas histórias infantis de Monteiro Lobato perpetua estereótipos e limitações sociais, representando os ideais daquele período. A ideia de mulher mestiça e mulata é comercializada ainda nos dias de hoje, fetichizando toda uma parte da população negra. E por fim, a ‘nega maluca’ que ainda circula por aí, silenciosa ou escandalosamente, difamando e exagerando características estereotipadas de mulheres negras, reforçando a ideia de que a branquitude é idealizada e a negritude é uma condição a ser superada.

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

# Crejor Sudeste

"A extensão na formação em Jornalismo"



Este resumo ressalta que a mídia brasileira deve lutar contra o racismo, até mesmo nos mínimos detalhes. É necessário refletir acerca dos impactos que cada representação causa na sociedade como um todo: tanto por parte dos consumidores, tanto para a mídia, que não reconhece a responsabilidade que tem sobre aquilo que propaga.

## REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. **Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico**. Revista Brasileira de Ciência Política, p. 71-98, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/ZfDzKkxRqhx5J9xRqzsbhF/>. Acesso em 07/11/2024.

CONCEIÇÃO, Evaristo. **Relações raciais e a representação da mulher negra**. PucRIO, p. 20-39, 2010.

Disponível em: [http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/17333/17333\\_3.PDF](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/17333/17333_3.PDF). Acesso em: 15/11/2024

FIGUEIREDO, Cândido de. **Dicionário da língua portuguesa**. In: Dicionário da língua portuguesa.

1951. p. 2v-2v. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf> Acesso em 07/11/2024.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1984. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4928667/mod\\_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4928667/mod_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf). Acesso em 07/11/2024. Acesso em 07/11/2024.

KYRILLOS, Gabriela M. **“Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade”**.

Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 1, e56509, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/zbRMRDkHJtkTsRzPzWTH4Zj/> Acesso em 07/11/2024.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro. Vozes, p. 7-28, 2008. Disponível em:

[https://www.academia.edu/36402627/LIVRO\\_WALTER\\_LIPPMANN\\_OPINI%C3%83O\\_P%C3%9ABLICA](https://www.academia.edu/36402627/LIVRO_WALTER_LIPPMANN_OPINI%C3%83O_P%C3%9ABLICA). Acesso em 07/11/2024.

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. São Paulo: Brasiliense, 1933. Disponível em:

<https://santateresa.go.gov.br/download/296/outros-livros-literarios/15386/as-cacadas-de-pedrinho.pdf>. Acesso em 07/11/2024.

RIBEIRO, Djamila. **O lugar da mulata no imaginário cultural brasileiro: A performance da**

**Globeza**. São Paulo: Editora XYZ, 2016. Disponível

em: <https://sul21.com.br/opiniao/2016/02/nos-mulheres-negras-queremos-o-fim-da-globeza-por-djamila-ribeiro-e-stephanie-ribeiro/>. Acesso em 07/11/2024.

SILVA, Liliam Ramos da. **Não me chame de mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português**. Trabalhos em linguística aplicada, v.

57, n. 1, p. 71-88, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/JZjt3cFmJfPws34Yxx84HHO/>.

Acesso em: 15/11/2024.